



Resenhas

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus. Teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Ed. Sinodal/Faculdades EST, 2010, 299 p.

Claus Schwambach¹

A obra de Michael Welker contém uma abordagem profunda, cativante e inovadora de todos os principais temas da eclesiologia, com o objetivo de *proporcionar uma nova experiência e uma nova sensibilidade para com o poder e a presença de Deus no mundo e na igreja*. Em meio a inseguranças e dúvidas em torno de um tema que se tornou “fantasmagórico” (p. 13), o autor tenta resgatar o frescor das tradições bíblicas para o contexto dos desafios da atualidade, partindo da *realidade* do Espírito Santo ou do que chama de “teologia realista” do Espírito Santo (cf. p. 47ss). O **capítulo introdutório** (p. 13-50) situa o discurso teológico sobre o Espírito Santo no contexto global atual, marcado, de um lado, pelo espírito da Modernidade, em sua consciência da distância de Deus e, de outro lado, pelas ênfases e contribuições do movimento carismático mundial e das teologias de libertação. O autor é sensível à necessidade de articular o que denomina de “teologia realista” do Espírito Santo no horizonte do pluralismo e do individualismo modernos, bem como dos desafios advindos da pós-modernidade. Segue uma breve visão panorâmica da obra:

A **Parte 1** (*Experiências anteriores e difusas do poder do Espírito*, p. 51ss) contém uma abordagem dos testemunhos mais antigos da irrupção do agir do Espírito de Deus no AT. O autor apresenta uma abordagem contagiante da atuação

¹ Claus Schwambach (Dr.) é professor de teologia sistemática na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, São Bento do Sul/SC. (e-mail: diretoria@flt.edu.br).

do Espírito de Deus no período dos juízes, em prol da salvação de necessidades coletivas e pecado, visando à restauração da solidariedade e da capacidade de ação comunitária (p. 52ss). Welker mescla observações de cunho exegético com reflexões sistemático-teológicas contextuais. Ao contrário da tese de que o Espírito Santo é, no AT, um mero poder numinoso, completamente intangível, sobre o qual nada se pode afirmar, pouco palpável, Welker constata que, embora tenhamos que falar de “experiências anteriores e vagas do poder do Espírito”, que “não permitem se chegar a um conhecimento abrangente, claro e insofismável sobre o Espírito”, é impossível ignorar “as pegadas que o Espírito deixou para trás” nos testemunhos e tradições bíblicas do AT (p. 51s). Conclui que, pelo agir do Espírito, “o povo de Israel *sai da situação de incerteza, do medo, do estado de paralisia e da mera lamentação*” (p. 56). Comprova como, nesses testemunhos, o Espírito atua para o “restabelecimento de uma ordem interna, pelo menos de uma nova unidade, solidariedade e lealdade”. O Espírito serve-se, segundo Welker, dos serviços de pessoas imperfeitas, mortais, e essas pessoas permanecem criaturas reais (p. 55). O Espírito de Deus não “produz super-homens, pessoas superiores, heróis religiosos ou morais”, pois as “pessoas tomadas pelo Espírito são e permanecem indivíduos imperfeitos, finitos e mortais”. Os textos contrariam uma “heroicização moral ou religiosa dos ‘carismáticos antigos’” (cf. Jz 6.13ss;36ss; 6.27; 8.27; 11.1ss; 11.9.30) (p. 58). A “ação do Espírito encontra-se envolta em coisas assustadoras, ambíguas, estranhas, com dúvidas e desamparo”. Inclusive as narrativas “não omitem consequências catastróficas e opressivas da ação do Espírito sobre os portadores do Espírito e seus semelhantes mais próximos” (exemplo é Jefté, Jz 11.30-37) (p. 59). Welker conclui que todas essas experiências do “Espírito de Deus são experiências de como se dá um novo começo para a restauração da comunhão do povo de Deus, são experiências do perdão dos pecados, da reabilitação do ‘esmagado e oprimido’ e da renovação das forças da vida” (p. 63).

Conforme Welker, na *profecia extática* da história mais antiga de Israel, encontramos o fato de que o Espírito cai tanto sobre indivíduos em experiências extáticas, como em grupos inteiros (1Sm 10; 19.18-24; Nm 11.25-29). Segundo o autor, a pessoa acometida pelo Espírito cresce para além de si mesma, recebendo forças e capacitações especiais, despertando atenção pública, ganhando poder sobre outros e, por outro lado, ela vivencia insegurança e desamparo pessoais. “Transformação real e concreta de certas pessoas e reação pública a isso ocorrem conjuntamente”, como é o caso de 1 Samuel 10, que trata de Saul (cf. 1Sm 10.10-13, cf. p. 70). Também ao descer sobre os 70 anciãos e até sobre os que ficaram no acampamento, fica evidente que a “participação que Deus concede no Espírito não se orienta [...] pelo comportamento dos atingidos, mas segundo as ordenanças

de Deus”. É relatado que os 70 anciãos entraram em arrebatamento ou de êxtase profético, o que chamou atenção sobre eles e fez deles pessoas “identificáveis exteriormente como pessoas a serviço de Deus”. Eles ficam fora de si, tornam-se públicos. Essas pessoas “vão além de si mesmas; transformam sua identidade, entram em êxtase profético e ficam praticamente irreconhecíveis. Elas ficam iradas; tocam trombeta, dilaceram bois, transformam-se em líderes do povo, tornam-se o centro de um movimento libertador; em todos os casos, elas claramente não pertencem mais a si próprias” (p. 76s). Por fim, é imprescindível registrar uma constatação central: os testemunhos mais antigos da ação do Espírito “limitam a transformação a alguns líderes políticos ou proféticos” (p. 77). Já as tradições do AT admitem que não há somente o Espírito de Deus, mas elas também registram que Deus envia um *espírito mau* entre as pessoas, ou também um espírito da ousadia e do erro, que desfaz a unanimidade, seduz para operações políticas de risco, etc. (cf. Jz 9.23; Is 19.2s). Michael Welker observa, nesses textos, que “o espírito bom” é um “espírito que conduz à coesão e comunhão de um povo, ou à irradiação fortemente positiva de uma pessoa. O espírito mau, ao contrário, configura um espírito que leva à desagregação e destruição de uma comunidade, que atormenta o indivíduo isolado, levando-o a ações agressivas”. Registra, ainda, que “o bom Espírito de Deus e o mau espírito não são grandezas que possam ser logo e claramente diferenciadas. O espírito mau pode disfarçar seu poder destrutivo. O espírito mau pode aparecer e atuar como um “espírito da mentira”, que encobre seu poder destrutivo. Contra isso é necessário que seja empregada *a força profética da distinção dos espíritos* (p. 79).

Outro contexto temático abordado por Welker é aquele que trata da *ação do Espírito de Deus em relação com construção, ou reconstrução, e organização do templo*. Um texto-chave aqui é o de Êxodo 31.1ss (cf. Êx 35.30ss). Ali, a pessoa cheia do Espírito de Deus deve preparar o santuário e os principais objetos de culto, como a tenda, a arca para a lei, o propiciatório, o altar de incenso, as vestes sacerdotais, “todos os objetos fundamentais para a organização do contexto visível da presença cultural de Deus, da aura manifestamente perceptível de Deus” (p. 93).

Na **parte 2**, (*O prometido Espírito da justiça e da paz*) lança um olhar para os *textos messiânicos*, principalmente na tradição de Isaías, que anunciam a vinda do Messias, sobre o qual o Espírito de Deus descansa enquanto portador da salvação e alguém permanentemente dotado com o Espírito de Deus (Is 11.1ss; 42.1-8 e 61.1ss). Para Welker, esses textos falam sobre o “descanso e a permanência do Espírito de Deus e acentuam que é o próprio Deus que elege e autoriza aquele sobre o qual descansa o seu Espírito”. Seu poder e autoridade “residem no fato de

promover e difundir universalmente *o direito, a misericórdia e o conhecimento de Deus*, que, a rigor, são os três elementos funcionais da lei de Deus. O portador do Espírito será, assim, por excelência, alguém que cumprirá o cumprimento da lei” (p. 99ss). Segundo Welker, o Messias cumprirá a lei, e o estabelecimento do direito, da misericórdia e do conhecimento de Deus não ficará limitado a Israel, de modo que Israel tornar-se-á notoriamente atrativo para os demais povos. Isaías 42.1ss mostra que o portador do Espírito, também denominado de servo de Deus, “foi criado e destinado para a edificação e o cumprimento universais e eficazes da lei de Deus”. Tal “estabelecimento do direito e da misericórdia não serve unicamente à edificação dos miseráveis e fracos, mas, da mesma forma, ... à revelação e ao conhecimento, à honra e reverência de Deus”. Isaías 61.1ss mostra como a atuação do Messias, enquanto portador do Espírito, terá abrangência universal, entre os povos. Os estrangeiros e estranhos identificarão o Deus de Israel como seu próprio Deus. Os “povos ganham participação direta no estabelecimento messiânico do direito, da misericórdia e do conhecimento de Deus em Israel. Os gentios são diretamente integrados no evento salvífico desencadeado pelo portador do Espírito” (p. 104-106). Isaías 42 apresenta “o servo eleito não só diante dos povos ou de Israel, mas diante de um *público escatológico*, oniabrangente e definitivo da corte celestial” (p. 119). Especialmente os hinos do servo de *Jahwe* (Is 49.1ss; 50.4,ss; 52.13ss) mostram para Welker, por outro lado, o quanto o Messias agirá na forma da *impotência pública*. O “servo impotente de Deus ... reúne, liga, solidariza concretamente os povos na relação negativa, agressiva, depreciativa para com o sofredor, que eles têm em comum. À medida que os povos reconhecem isso, tornam-se capacitados para uma repulsa à sua velha identidade, para mudança, renovação e correspondente desenvolvimento em direção conjunta” (p. 117).

Welker aponta para diversos textos do AT que falam de um derramamento do Espírito do *céu ou das alturas*. Diferente do que na visão moderna, céu aponta, conforme Welker, nas tradições bíblicas, de forma complexa, para “diferentes áreas concepcionais e diferentes sistemas referenciais, distinguindo-os ao mesmo tempo”, pensando-se no céu visível e no céu da religiosidade. “O céu é o âmbito a partir do qual vêm o vento e chuva e no qual voam os pássaros. Em outros textos, porém, a concepção da terra inclui esse âmbito, e o céu é só a área das constelações estelares. Em ainda outros textos, todo o cosmo observável é designado ‘o visível’, sendo distinguido do céu invisível. ... O céu também é compreendido como um complexo de forças atuantes e poderes incontroláveis sobre a terra, como uma área que não é acessível a medições, avaliações ou manipulações humanas” (p. 121s). É esse céu, que “é o âmbito da criação mais indeterminado e menos acessível para nós”, que é “visto pelas tradições bíblicas como local da presença primária de

Deus”. Céu está para a universalidade, intangibilidade e concreticidade poderosa da presença de Deus, e isso tudo como resultado da ação do Espírito de Deus. Quando a Bíblia fala de derramamento do Espírito do céu, ela afirma que há uma “ação conjunta surpreendente e indisponível, que não pode ser colocada unilateralmente em atividade, nem ser controlada a partir de aspectos e regiões isoladas” (cf. p. ex. Is 32.15ss; 44.1-5). Natureza e cultura tornam-se permeáveis para o agir do Espírito, e entre o povo de Deus, surge um autocomprometimento das pessoas perante Deus (p. 126). Com o derramamento do Espírito, Deus volta sua face aos seres humanos (Ez 39.27ss), sendo que o Espírito provoca “nova comunhão em âmbitos de vida diferentes, aparentemente estranhos entre si: natureza e cultura tornam-se abertas uma à outra, começando relações de troca novas, que fomentam vida” (p. 127). Welker interpreta de forma inovadora o texto clássico do AT para o derramamento do Espírito Santo, Joel 3.1-5 (Almeida: 2.28-32). Conforme Welker, o derramamento do Espírito ocorre sobre toda a carne, homens e mulheres, idosos e jovens, servos e servas. Há um igualamento destacado de homens e mulheres, bem como dos fracos, sem-força e sem-esperança. A restrição a sacerdotes, profetas, reis ou personagens carismáticos será superada. Os mais fracos economicamente e os socialmente desfavorecidos não ficarão fora da dádiva do Espírito. As diferenças de gerações são superadas. Surge uma forte igualdade na comunidade dos que recebem o Espírito, pois todos são abrangidos, o que é um passo grande além de todas as formas humanas de comunhão. A dádiva do Espírito supera diferenças, mas não as anula, antes as perpassa e transcende. Essas pessoas, ao receberem o Espírito, recebem conforme Welker “*conhecimento profético* por intermédio do Espírito, [i. é], são capacitados para *desvendar, juntos e reciprocamente, a realidade pretendida por Deus e o futuro por ele almejado*” (p. 131ss). Todos “são capacitados para predizer salvação e desgraça, mas também os caminhos de Deus que livram do perigo, o livramento de Deus. [...] Eles vão revelar para outros e uns aos outros a realidade pretendida por Deus. Por intermédio do seu conhecimento profético diferenciado, eles irão se fortalecer e enriquecer mutuamente. [...] Nessa comunhão de testemunho diferenciada e múltipla, Deus tornar-se-á presente de forma concentrada” (p. 132). E todo esse evento em que pessoas contemplarão a face de Deus ao receberem o derramamento do Espírito significa “*constituição da comunidade*, na qual a presença viva da face é percebida”. Tal ação do Espírito não está mais atrelada à local de culto e reunião cultural, mas “quer atuar em esferas da vida diária, inclusive repletas de necessidades, com suas trevas, ruínas e cisões, [...] [de modo que] justamente na vida diária e conflituosa das pessoas [...] a presença terapêutica de Deus quer se tornar atuante, pois visa unir as pessoas e criar relações harmoniosas entre elas” (p. 134s). “À presença de Deus pelo Espírito

e ao derramamento do Espírito corresponde um evento complexo de iluminação, fortalecimento, edificação, libertação e vivificação recíprocos de pessoas” (p. 136). “A pessoa vivificada de maneira nova, ... está também apta a reconhecer a própria injustiça e a libertação de sua decadência mortal. Essa pessoa consegue se distanciar de si própria, de sua vida antiga, passada, sua falta de misericórdia, seu distanciamento de Deus ... [Ela] está capacitada para a confissão própria de pecados e para a glorificação de Deus” (cf. aqui Jó 33.25-27) (p. 136).

No *período tardio da história de Israel*, o termo espírito é usado de forma bem generalizante nos textos bíblicos. Deus, Espírito ou Espírito Santo são coisas praticamente idênticas (cf. Ne 9.30; Is 63.10s; Sl 51.13; 139.7). Essa tendência é perpetuada no *Judaísmo* rabínico, no qual o termo “Espírito Santo” designava, em geral, a transcendência de Deus e de seu agir. Para Welker, foi nesse período tardio que também surgiram diversos textos que tratavam da conexão que se enxergava entre o Espírito de Deus e a criação. À luz da mensagem profética, Israel passou a ver que Deus não agia apenas na história com poder, mas também nos fenômenos da natureza e no princípio da criação (Êx 14.21; 15.8,10; Is 27.8; Sl 147.18; Gn 8.1). Compreende-se que o Espírito ou vento de Deus está por detrás de todo o devir da criação, colocando limites entre luz e trevas, dia e noite, terra e mar (Gn 1.2; Sl 33.6). Conforme o Salmo 104.29s, a vida terrena perde nexos e vira pó se Deus retira seu espírito. “O Espírito de Deus vivifica, atua de forma criativa e vivificante à medida que estabelece essa relação íntima, complexa e indissolúvel entre vida individual e coletiva” (p. 139). Conforme o Salmo 139.1-7, Deus não se interessa “de forma indefinida ‘por tudo’, mas de forma bem definida por todas – exitosas e ameaçadas – *relações vivenciais* das *criaturas*. [...] Ele [...] atua [...] em seres vivos. A ação do Espírito e a carnalidade não podem ser dissociadas” (p. 140). Para Welker, a renovação da criação pelo Espírito “não anula a carnalidade, [mas] ocorre [...] paralela a uma *renovação e transformação da carnalidade*”. Conforme Ezequiel 11.17.19s e Ezequiel 36.26ss, Deus dará aos seres humanos um coração e um espírito novo, que será um coração de carne em lugar de um de pedra. O que muda na vida daquele que recebe o Espírito é justamente a troca do coração. Como a carnalidade é expressão da vida criatural dada por Deus, a dádiva escatológica de um coração de carne significa que haverá uma “*renovação do criatural*”, ou seja, que acontecerá que “*a carne é de tal forma renovada, que pode corresponder e dar espaço à ação do Espírito*”. A “vida carnal, fraca e finita é inserida na comunhão da criaturalidade. Ela é colocada *a serviço* da ação do Espírito. [...] São desconstruídos os endurecimentos que conduzem à destruição para fora e, retroativamente, à própria morte [...] (coração de pedra)” (p. 145).

Na **Parte 3** (*Jesus Cristo e a presença concreta do Espírito*, p. 157-190),

Welker aborda os principais textos dos evangelhos. Ele aborda primeiramente a investidura pública de Jesus Cristo (p. 157ss). Em seguida, dá destaque à ajuda que Cristo presta nos casos de impotência individual, mais especificamente nos casos de expulsões de demônios. Nessa parte, encontra-se uma abordagem muito sóbria do tema “exorcismo”. Welker não reduz a realidade de possessão a doenças psíquicas e mentais, mas procura fazer jus à profundidade metafísica e à abrangência cósmica das histórias do NT (p. 167ss). Possessão sempre exclui o “livre-arbítrio da pessoa possessa” (p. 168), de maneira que essa pessoa se prejudica a si mesma. “Enquanto o Espírito Santo provoca reunião, edificação e fortalecimento do indivíduo e da comunidade por meio da integração dos fracos e marginalizados, os demônios constituem-se em poderes que isolam, separam, destroem e tornam comunidades solitárias” (p. 171). Welker atualiza: “Vício e dependência de drogas, cobiça epidêmica, repressão do sofrimento e autoanestesia de sociedades consumistas [...] bem como política excessiva de endividamento, por exemplo, apontam para tais condutas autolesivas e autodestruições ‘demoníacas’” hoje (p. 171). No tópico *“Reunião do povo de Deus sem instrumentos de poder públicos: o mandamento do silêncio e a ‘coalescente’ esfera pública do Reino de Deus”* (p. 172ss) Welker desenvolve as conexões entre o tema Espírito Santo e Reino de Deus. A pergunta *“Por que a blasfêmia contra o Espírito Santo é imperdoável?”* também mereceu um tópico especial em sua abordagem (p. 178ss). E no tópico *“Testemunha e consolador: O Espírito da verdade e do amor”* (p. 185ss), Welker aborda a rica tradição joanina em torno do *Paráclitos*.

A **Parte 4** (*O derramamento do Espírito: sua ação libertadora e vitoriosa sobre o mundo*, p. 192ss), trata das ênfases pneumatológicas em torno do tema Pentecostes. Já no primeiro tópico, Welker apresenta sua interpretação do evento de Pentecostes (*Milagre de Pentecostes e batismo no Espírito: um mundo dilacerado começa a coalescer*, p. 193ss), que ele entende tanto como um milagre da audição como um milagre das línguas, com abrangência universal: “O que caracteriza o milagre do evento de Pentecostes é, antes, a inesperada, mas não homogênea, clareza universal” (p. 196). No tópico *Fé e esperança como campos de força públicos: Deus e a vida na presença de Deus tornam-se conhecidos*, Welker apresenta suas contribuições – riquíssimas – sobre o tema dos *carismas* no NT. Esses dons não foram dados para “consumo privativo”, mas como “participação no conhecimento de Deus”, com finalidade de edificação (p. 202). Chama atenção a forte ênfase que Welker dá ao agir do “Espírito Santo como campo de força que constitui campos de força públicos, campos em que pessoas, por sua vez, podem entrar ou ser inseridas” (p. 203), de maneira que os “crentes podem sentir-se como integrantes de uma esfera de ressonância que trespassa tempos e culturas”

(p. 203). No tópico *Amor e paz: a vontade justa e misericordiosa de Deus pode ser cumprida* (p. 208ss), Welker aborda o tema do amor, entendido como o “fruto do Espírito” e como cumprimento da lei. Os frutos do Espírito são, para Welker, “determinados por livre autorrestrainto e doação em prol de outras criaturas” (p. 208). Welker interpreta com mais detalhes alguns frutos do Espírito. No tópico *Chamado à liberdade: Espírito e mundo não necessitam mais ser diferenciados como arredios ao mundo, nem Espírito e carne como neuróticos*, (p. 216ss), Welker tenta mostrar de forma bastante inovadora como o agir do Espírito não significa apenas inimizade com a carne, mas também transformação da carne. Sua tese central é que “o Espírito não é uma força que corrói, faz cessar, impede e deforma a vida na carne. Ele é, ao contrário, um poder que liberta a vida na carne do poder do pecado, de estar entregue à – inútil – tentativa de impor-se e manter-se por meio de ‘autopotencialização’ orientada em si mesma” (p. 218). No último tópico dessa parte (*Falar em línguas e interpretação da Escritura*, p. 220ss), Welker dá sua visão sobre esses dois temas. Ele critica a centralização da glossolalia em algumas tradições. Ao final, desenvolve os aspectos centrais de um conceito de inspiração das Escrituras: “O discurso sobre a inspiração da Escritura refere-se, [...] à atividade de Deus na qual e pela qual os diversos testemunhos das tradições bíblicas, individualmente ou em contextos mais ou menos complexos, apontam em conjunto para a presença e a glória de Deus” (p. 230s).

A **Parte 5** (*A pessoa pública do Espírito: Deus em meio à sua criação*), está voltado para a ação escatológica de restauração do Espírito em direção à nova criação. Os detalhes não serão abordados aqui.

Já os tópicos aqui abordados atestam, enquanto “provas de amostragem”, o rico potencial dessa obra, que é, em nossa opinião, digna de ser abordada e estudada por pastores, teólogos, líderes de comunidades – embora a linguagem possa ser, cá e lá, de acesso mais difícil para o leigo – e, principalmente, por estudantes de teologia. A leitura desse livro, devido ao seu caráter inovador e profundo, além de muito atual, é imprescindível para o estudo da Pneumatologia nas faculdades teológicas hoje. Por essas razões, é um livro altamente recomendável ao público brasileiro e latino-americano.